
O catador de resíduos sólidos recicláveis e a desigualdade social

Catcher of solid waste recycled and the social inequality

Sandra Regina Medeiros Romancini¹

edv@unesc.net

Ednilson Viana²

Teresinha Maria Gonçalves³

Resumo

Este artigo discute a exclusão/inclusão ou a inclusão desigual do catador de resíduos sólidos recicláveis na sociedade atual, a partir de pesquisa junto ao lixão a céu aberto em Içara/SC. Procura-se indagar também a respeito da invisibilidade do catador de resíduos recicláveis junto à sociedade, mesmo admitindo-se, a importância de seu trabalho para a limpeza urbana, bem como a legitimação que estes trabalhadores empreendem aos valores da sociedade moderna à medida que enfrentam barreiras significativas para se integrarem a sociedade pelo trabalho. A produção de resíduos sólidos urbanos em níveis nunca vistos é discutida, por ser o objeto de trabalho do catador, e também por se constituir em contradição na modernidade, já que se apresenta como problema sócio-ambiental grave que carece de soluções em curto prazo.

Palavras-chave: exclusão/inclusão, catador, resíduos sólidos, reciclagem, lixão a céu aberto.

Abstract

This article discusses the exclusion/inclusion or the unequal inclusion of the catcher of solid waste you recycled in the current society, starting from research close to the dump in Içara/SC. We are looking forward to investigate also regarding the invisibility of the catcher of residues you recycled along with the society, even admitting the importance of your work for the urban cleaning, as well as legitimation that these workers undertake to the values of the modern society the measure that you face significant barriers for if they integrate the society for the work. The production of urban solid waste in levels never seen it is discussed, for being the object of work of the catcher, and also constituting in contradicion in modernity, since it comes as serious partner-environmental problem, that lacks of short term solutions.

Key words: exclusion/inclusion, catcher, solid waste, recycling, dump.

¹ Graduada em Estudos Sociais; Especialização em História Local e Regional (UNESC); Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo sul Catarinense (UNESC).

² Biólogo pela Universidade Estadual Paulista; Mestre em Ciências pela USP de São Carlos; Doutor em Hidráulica e Saneamento pela USP de São Carlos; Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC.

³ Mestre em Psicologia Social pela PUC de São Paulo; Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC.

Introdução

O lixo nos últimos anos vem se tornando um problema seriíssimo do ponto de vista sanitário, ambiental, econômico e social. É muito lixo sendo produzido e não se sabe mais onde colocá-lo, principalmente nos grandes centros. Os aterros sanitários estão se esgotando rapidamente e está cada vez mais difícil encontrar áreas adequadas próximas dos centros urbanos.

Essa grande quantidade de lixo precisa ser acondicionada, coletada, transportada, tratada e/ou disposta de forma adequada para causar o menor dano possível ao ambiente e ao homem. Este é mais um dos paradoxos da sociedade moderna, isto é, criar formas adequadas para destinar seus rejeitos.

Atualmente o método mais utilizado pela maioria dos municípios brasileiros para a disposição de resíduos sólidos é o lixão. O lixão, segundo Jardim (2001), é a disposição final de resíduos sólidos sobre o solo, de qualquer forma, sem medidas de proteção ao meio ambiente e a saúde pública. Isto porque, quando o lixo é disposto a céu aberto, ele se torna um bom “meio de cultura” para diversos tipos de animais que para lá se dirigem em busca de alimento, atraídos pela farta quantidade de orgânicos. Assim, ocorre a proliferação de ratos, baratas, mosquitos e outros vetores de doença ao homem.

Pode-se dizer ainda que um lixão é um lugar onde é permitido se colocar o que quiser, pois ali não há qualquer tipo de controle do que entra e nem de quem faz o depósito, pois não há guarita, guarda ou qualquer outra forma de fiscalização. Tal fato indica então, que o lixão pode conter não só lixo domiciliar, como também hospitalares, odontológicos, veterinários e ainda resíduos industriais, que podem oferecer perigo tanto ao homem quanto à natureza.

O lixão, onde se encontram os catadores, objeto deste estudo, localiza-se no município de Içara. Içara por sua vez situa-se no litoral Sul de Santa Catarina e faz parte da chamada Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC). Ele é um prolongamento da localidade de Primeira Linha, fundada em 1919, por famílias italianas proveniente de Urussanga.

No começo da década de 20, Içara “ganha” a Estrada de Ferro D. Tereza Cristina, para servir de via de transporte para o carvão cedido ao Visconde de Barbacena, diplomata baiano interessado na exploração do carvão do sul da Província de Santa Catarina.

O município hoje tem uma população de aproximadamente 52.000 habitantes e a sua principal atividade econômica é a indústria, com destaque para a indústria de plásticos.

O lixão de Içara está situado acerca de 1 km da BR 101, num terreno que no passado não muito distante servia para a exploração de carvão, isto é, é um antigo poço de mina, daí o

nome da localidade ser Poço 8. Este lixão recebe aproximadamente 35 toneladas de lixo diárias no inverno e pode triplicar no verão, porque Içara possui um balneário para onde se dirige principalmente a população da cidade de Criciúma, vizinha a Içara.

No referido lixão, o lixo é despejado diariamente pelos caminhões de coleta da prefeitura no período matutino.

Existe em meio ao terreno onde está situado o lixão, uma estrada por onde passam os caminhões que vão fazer o despejo dos resíduos. Os catadores, neste momento já estão de prontidão para dar início a catação.

O lixão contém também certa quantidade de água superficial, que se mistura ao chorume – líquido de cor escura, resultante da putrefação dos orgânicos

Animais como urubus, frangos d’água, cães, além de ratos e baratas são freqüentemente encontrados no lixão. Os materiais recicláveis são catados e acondicionados em grandes sacos para a comercialização que ocorre às sextas-feiras. O que não é aproveitado fica jogado ao longo do terreno.

Içara, como todo centro urbano, pode ser considerado um microcosmo que reproduz as relações de desigualdades sociais tão comuns na sociedade. Prova disso são os 16 catadores de recicláveis que tem como função principal a catação como forma de garantir a sua sobrevivência e de sua família.

O catador de resíduos sólidos recicláveis é um ator social novo, que tem despertado o interesse da academia e da mídia. Isso porque este ator está envolvido em dois problemas criados diretamente pela sociedade moderna e que por ela precisam ser enfrentados: a desigualdade social e a produção exacerbada de “lixo”.

a) Desigualdade social

A desigualdade social, tão comum na sociedade atual e tão gritante na sociedade brasileira, se constitui num fator inevitável à sociedade capitalista. Afinal, não se faz acúmulo de riquezas sem a exploração e concentração de renda, e ambos, são geradores de desigualdades sociais. Portanto, as desigualdades sociais são previsíveis, inevitáveis e necessárias para que o capitalismo se efetive.

Um dos grandes colaboradores da sociedade de mercado, no sentido da viabilização do lucro e, portanto, de desigualdades sociais ao longo dos tempos, é o emprego. É através dele que os trabalhadores impulsionam o mercado através da prestação de serviços e fabricação de produtos destinados a atender a demanda da sociedade de consumo. Os produtos devem aqui ser entendidos não apenas como bens materiais, pois a sociedade moderna comercializa “tudo”, tanto materiais quanto não materiais (etéreos): por exemplo, corpos transformam-se em mercadorias, pois dependendo de sua genética podem ser vendidos como protótipos de beleza; sonhos tornam-

se mercadorias vendidas através da mídia (telenovelas, cinema etc) e assim por diante. Estas características são parte da chamada sociedade moderna.

Aqui se usa o termo sociedade moderna não apenas com a conotação de algo moderno, isto é, pós Idade Média cuja origem remonta ao Renascimento, mas, sobretudo como uma cultura que afetou todas as formas de existência do homem europeu e por decorrência a existência de toda a ocidentalidade. Nos dizeres de Guest (2004), o homem europeu funda aí – por oposição ao homem e ao homem medieval – as suas formas de vida próprias, numa nova partilha da referência à tradição. Essa partilha para o autor, torna-se possível graças à constituição de uma memória histórica, filológica e hermenêutica e a referência ao progresso que tornam possível o desenvolvimento das ciências e das técnicas. Ciência e técnica permitiram a evolução acelerada do movimento das forças produtivas a serviço de um domínio sem precedentes dos processos naturais.

Touraine (2002), descreve a modernidade como uma revolução do homem esclarecido contra a tradição, a sacralização da sociedade, a submissão à lei natural da razão. Para ele a modernização, na sua aceitação ocidental, é obra da própria razão e portanto, acima de tudo, da ciência, da tecnologia e da educação.

Seguindo o raciocínio de Touraine (2002), a modernidade precisou construir a cultura do individualismo e da ética da indiferença, para garantir a efetivação de negócios lucrativos. No entanto, o afastamento entre as pessoas gerou no homem moderno, segundo Sennett (2003), uma crise tátil. Isto levou ao isolamento, sendo que mesmo os sonhos precisam ser experienciados de modo virtual, daí o importante papel do mundo dos sonhos criado numa tentativa de aplacar a solidão humana. Estes são apenas alguns dos exemplos que mostram que esta sociedade, além de criar a necessidade de consumo, ao mesmo tempo oferece os produtos para satisfazer estas necessidades. Assim, na sociedade moderna, tudo tem um preço e para que a idéia da produção e do consumo se efetive sempre, ela própria tem que criar as suas necessidades e o modo de satisfazê-las. Estas são condições para que ela possa garantir o seu funcionamento.

Porém, apesar dos trabalhadores terem papel fundamental para garantir que se concretizem os anseios e necessidades da sociedade moderna, eles ao mesmo tempo, podem ser descartados como trabalhadores em função de diversos fatores. A modernização tecnológica constitui um destes fatores, provocando a extinção de determinadas funções como a secretária, o datilógrafo, a telefonista etc. Aqui, a máquina tem substituído o homem em funções anteriormente executadas por estes.

Em uma análise simples, mas bastante clara das vantagens dos empresários ao substituir homens por máquinas,

está o fato de que máquinas não adoecem, não engravidam, não necessitam de vínculos empregatícios nem de garantias quanto aos direitos trabalhistas previsto em lei – férias, décimo terceiro salário, aposentadoria.

Este novo contexto desenhado pela modernidade na questão do emprego afeta diretamente o trabalhador que depende quase exclusivamente da venda de sua mão-de-obra para a garantia de sua sobrevivência. Os pobres, os trabalhadores, os desempregados de um modo geral, são, portanto, em um primeiro momento, os mais penalizados, pois acabam vítimas da “exclusão” do emprego, sendo arrastados à informalidade.

É especialmente deste tipo de exclusão – a do emprego – e com estes atores sociais – vítimas da informalidade – que este trabalho se ocupa, por entender que a exclusão do emprego contribui decisivamente para a desigualdade social.

Santos (2001), enfatiza a contradição capitalista presente no enfoque da desigualdade, já que burgueses e proletários, mesmo inseridos na esfera produtiva - ambos estão integrados no sistema referencial, mas ao mesmo tempo se tornam adversários por terem interesses opostos. A relação entre estes dois atores sociais é de confronto. Seguindo no mesmo raciocínio de Santos (2001), pode-se afirmar que estar incluído é estar dentro, no sistema, mas desigualmente.

Ainda na tentativa de se explorar os vários enfoques da exclusão do emprego como uma das formas geradoras de desigualdade social, Castel (1995), afirma que a vulnerabilidade dos pobres, dos trabalhadores, dos desempregados se expressa não só na exclusão do emprego, mas também na precarização das relações contratuais e pelas perversas formas de sociabilidade.

Castel (1995), afirma também que o processo de exclusão passa pelo “desmonte” do Estado Social ou do chamado Estado do Bem Estar Social. Daí o autor preferir usar o termo desafiliação.

Desafiliados, segundo Carreteiro (2001), na maior parte das sociedades ditas modernas, é não estar integrado a dois eixos: trabalho e proteção social, mecanismos criados pelo Estado, para garantir a participação concreta dos indivíduos na vida coletiva.

Em países industrializados a proteção social do Estado é garantida mesmo na eventual ausência de trabalho. No Brasil, porém, trabalho e proteção social estão estritamente articulados. Isto é, a maioria efetiva de direitos sociais vincula-se à condição de trabalhador. E como os catadores, foco deste estudo, estão à margem da sociedade do trabalho, fatalmente estão à margem dos direitos sociais que deveriam ser garantidos pelo Estado. Estes são, portanto, “desafiliados”.

Os catadores são excluídos do emprego, portanto, não têm vínculo empregatício, o que lhes impede de participar das benesses de dimensões institucionais como educação, saúde. Eles são, portanto, desafiliados e vítimas das perversi-

dades da sociedade que os rotula e discrimina.

O lixão a céu aberto de Içara contempla um grupo de 16 catadores de recicláveis, dos quais, 14 participaram do estudo. São seis mulheres e oito homens, cujo grau de escolaridade é primeiro grau incompleto e a renda mensal está entre um e dois salários mínimos.

Os catadores de Içara/SC, são autônomos, mas trabalham sobre o lixo diante de condições degradantes, em meio ao lixo que exala odores, em meio a urubus, cães, moscas e ratos. Ali catam os recicláveis sem luvas de proteção. Como não existem esteiras, eles trabalham diretamente sobre o lixo.

No lixão há todo o tipo de resíduos sólidos urbanos, constituindo-se em um cenário de riscos à saúde, já sacrificada pelos grandes esforços para carregar os chamados “bags”⁴ até o ponto de venda. É trabalhando neste cenário, remexendo lixo que contém inclusive resíduos de serviço de saúde, que estes trabalhadores se esforçam para angariar um salário mínimo para o sustento de si e de seus familiares, pois todos os trabalhadores do lixão de Içara são casados e possuem filhos e cada família é composta em média por quatro pessoas.

Apesar de todos os aspectos negativos que a função de catar o lixo traz em seu bojo (risco de doenças, más condições de trabalho, discriminação social), o trabalho do catador encerra em si uma utilidade e necessidade de grande importância, já que desafoga os aterros sanitários, reduz os impactos ambientais no lixão e diminui o custo da coleta do lixo. Sabe-se que os municípios brasileiros, de um modo geral, têm enormes dificuldades para encontrar áreas propícias à disposição dos resíduos sólidos e por isso, quanto menos lixo for “enterrado”, mais o meio ambiente e a sociedade são beneficiados.

Mesmo fazendo uso do termo exclusão social, para contextualizar a ação dos catadores e sua posição na sociedade, faz-se necessário uma breve discussão sobre o perigo do uso de tal termo para explicar, ou justificar a miséria de que é vítima grande parcela da população mundial.

Martins (1997), chama a atenção para o uso do rótulo de exclusão social para responder a todas as questões sociais vividas atualmente, porque se corre o risco da “coisificação” e “fetichização” do conceito, pois este pode se referir menos à expressão de uma prática e mais a indução a uma prática, já que os “desiguais” gerados pela exclusão, no caso em referência ao emprego, se faz necessária à sociedade capitalista moderna.

Portanto, parece que se pode falar mais em uma política de inclusão marginal, do que em exclusão. Ou seja, há a necessidade de se incluir pessoas, mesmo que de forma desigual, nos processos econômicos, na produção e na circulação de bens e serviços, apenas e estritamente em termos daquilo que racionalmente é conveniente e necessário à reprodução do capital. Deste modo, a exclusão pode ser considerada como um rótulo. Aqui, os catadores, vistos pelo pris-

ma econômico, de alguma forma, em alguma instância são consumidores. Portanto, estão dentro da ciranda da produção e do consumo, estando incluídos, mas de forma desigual.

O rótulo da exclusão serve então, segundo Martins (1997), duplamente as elites dominantes. Por um lado à desigualdade social produz e reproduz as relações marginais, por outro lado cria um universo ideológico no imaginário da sociedade de consumo. O exemplo citado por Martins (1997) é o de que através do mesmo toque no botão da televisão, o favelado e o milionário, simultaneamente, transportam-se ao mesmo mundo fantasioso, e neste instante, ambos, compartilham de certa unificação ideológica, apesar de sua desigualdade material infinita. Mas é inegável, que naquele momento os dois estão lado a lado, parecendo pertencer ao mesmo mundo – o do consumo – por terem diante de si as mesmas mercadorias, as mesmas idéias individualistas e competitivas.

Não se pode perder de vista, no entanto, que as oportunidades tanto de acesso às mercadorias quanto às de qualificação profissional são diferentes. Apesar disso, um bloco de idéias falso, enganador e mercantilizado acena para o homem moderno colonizado, que passa a imitar os ricos e a pensar que nisto reside a igualdade (Morin, 1969).

Com base na discussão acima, o que aparentemente parece contradição, (exclusão – desigualdade social) revela-se como mais um instrumento ideológico de reprodução da velha estrutura social estratificada, extremamente eficiente para a perpetuação da mesma.

Marx (1991), em seus estudos já chamava a atenção para a contraditoriedade da sociedade moderna. Segundo Marx (1991), em nossos dias, tudo parece estar impregnado de seu contrário. O grande desenvolvimento tecnológico, que a priori, deveria estar a serviço da humanidade como um todo, está a serviço, ou ao alcance de uma minoria que por ela pode pagar. As mais avançadas fontes de saúde, também não estão para servir a quem precisa, mas a uma minoria que a ela tem acesso. Isto tudo porque alguns precisam lucrar, acumular.

Mas apesar do discurso ideológico de que é apenas através do crescimento econômico, conseguido pelo desenvolvimento tecnológico, que a humanidade, como um todo irá beneficiar-se, sabe-se que a maioria da população, sobretudo nos chamados países em desenvolvimento, ainda não atingiu se quer direitos básicos, como: saúde, alimentação, moradia e educação e emprego, o que constitui claramente a desigualdade social.

É esta sociedade desigual, produzida aparentemente na contradição, que favorece a emergência de pessoas de seu interior sem qualquer qualificação profissional, semi-analfabetas, e que por esta razão sujeitam-se em trabalhar na informalidade e sem condições adequadas de efetuar o seu trabalho. Trata-

⁴ Bags: grandes sacolas onde são armazenados os recicláveis já coletados do lixão.

se aqui da não valorização econômica e conseqüentemente da falta de status que algumas funções, mesmo essenciais, como é o caso da catação de resíduos sólidos, enfrentam.

O catador de resíduos sólidos recicláveis é fruto desta sociedade ambígua e contraditória. Ele é fruto das desigualdades sociais e carece de direitos elementares como: oportunidade de escolarização, de qualificação profissional, condições básicas de saneamento, oportunidades profissionais, dentre outras. Esta realidade é retratada nos catadores do lixão de Içara/SC, onde 10 dos 14 que foram consultados revelaram em entrevista que possuem apenas o primeiro grau incompleto, e quatro deles disseram ser analfabetos. Isto demonstra o baixo nível de qualificação a que estão submetidos estes trabalhadores.

Quanto à qualificação profissional mais elaborada, se pode afirmar que o analfabetismo foi um dos grandes adversários dos catadores do lixão de Içara. Do universo de catadores entrevistados sete deles exercia a função de agricultores anteriormente a catação. Registre-se aqui que o lixão situa-se em meio à zona rural, nas proximidades do chamado Rio dos Porcos, região que ainda hoje é amplamente utilizada para a agricultura de arroz, milho, feijão e fumo. O fato de trabalharem na roça antes de serem catadores, revela a sua falta de oportunidade no sentido da sua preparação para um mercado de trabalho mais elaborado. Além disso, o que levou os catadores para trabalharem com o lixo foi à instalação de um lixão a céu aberto nas proximidades de suas residências, associado a sazonalidade da produção agrícola e a falta de oportunidades no mercado de trabalho.

O catador de recicláveis desfruta de um “status negativo⁵” na sociedade, é visto como não capacitado, como se a capacitação ocorresse exclusivamente “por sua conta e obra”. Pode-se falar então de uma estratégia de culpabilização, amplamente utilizada pela sociedade moderna – as pessoas são individualmente responsabilizadas, por uma situação econômica adversa e injusta – no sentido de criar na sociedade em geral a idéia de que sucesso e fracasso são estritamente de responsabilidade da esfera individual. É o que Farr (1991) in Sawaia, (1995), chama de “individualismo como representação coletiva”. Para ele, é justamente esta representação que gera como conseqüência, entre muitas outras, a atribuição do sucesso e do fracasso exclusivamente às pessoas.

Dentro da lógica da sociedade moderna, que exige a formação e capacitação constante para a garantia de colocação no mercado de trabalho, ele (o catador), menos “capacitado” (analfabeto) e com uma auto-estima extremamente fragilizada, acaba tornando-se o único responsável por seu estado de miséria, tende naturalmente a trabalhar em meio ao lixo – orgânicos e inorgânicos- em meio ao forte odor e

diante de um visual “degradante”.

É neste contexto de desamparo que aparece a catação, como salvação da miséria, como uma maneira possível do catador conseguir emprego e renda para o seu sustento e de sua família. Porém, mesmo esforçando-se, mesmo enfrentando os riscos que sua função implica – doenças de pele, acidentes com vidros, perfuro-cortantes, dentre outros, o catador tem ainda que enfrentar a discriminação, o estigma que o impede de ser visibilizado pela sociedade que o produz, bem como de reconhecer a si mesmo como cidadão, afinal quem quer ser identificado com algo em que pese o estigma da sujeira (lixo) e da pobreza? A esta pergunta, cabe uma indagação sobre em que contexto surge à idéia de associação da sujeira aos pobres.

No Brasil, as epidemias do final do século XIX, provocaram especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, uma espécie de perseguição aos cortiços e seus moradores. Isto porque, todos os males que a sociedade carioca e paulista enfrentava naquele momento eram delegados aos pobres, pois segundo a crença dos médicos higienistas, era a casa imunda, o cortiço, e a favela, (lugar de moradia dos pobres) o foco de onde se originavam os surtos epidêmicos.

À medida que as epidemias se alastavam e ameaçavam as elites – não há fronteiras para vírus e bactérias – estas empreenderam uma verdadeira perseguição aos pobres, uma vez que, a miséria se torna o novo veículo de contágio. É com esta justificativa que os discursos dos médicos sanitários se voltam contra os pobres. Afinal, eram eles os responsáveis pela transmissão das doenças devido à sujeira de suas moradias (Rago, 2000), reproduz a fala dos higienistas do século XIX: “na habitação popular os indivíduos se amontoam assim como o lixo”. Estava aí firmado o estigma da sujeira aos pobres.

Os catadores de recicláveis entrevistados neste trabalho, parecem ter assimilado o estigma que os cerca. Demonstram constrangimento ao falar de sua profissão e de si mesmos. Eles baixam os olhos ao responderem as perguntas. Tem uma postura de negação dos inconvenientes de sua profissão. Negam incômodos óbvios como o mau cheiro, o visual degradante de lixo amontoado e de águas superficiais escurecidas e mal cheirosas pela decomposição dos resíduos orgânicos. Negam qualquer possibilidade de acidentes. Apenas uma catadora admitiu já ter se cortado durante o trabalho. Dizem estar satisfeitos com sua função e que os riscos que correm ali no lixão é equivalente aos riscos que qualquer trabalhador corre em outra profissão qualquer.

Um dos catadores afirma: “corro menos perigo aqui do que na BR 101”. Parece que o estigma da pobreza, da sujeira, da exclusão e da desigualdade social, tem sido usado no dis-

⁵ Status negativo – é discriminado em função de seu ofício

curso corrente com muita eficiência no que tange ao convencimento dos catadores, de que eles têm pouco ou nenhum valor para a sociedade. Afinal, como manter auto-estima num ambiente e numa vida tão degradada?

Um dos catadores em uma conversa com a pesquisadora deixou transparecer pela postura que demonstrou frente a um problema de saúde que o afeta, a limitação de seu direito a um médico oftalmologista. Ao ser indagado sobre um problema em seu olho esquerdo, que vertia secreção purulenta, ele respondeu: “Isto aqui eu tenho desde menino. O meu irmão furou meu olho”.

Pergunta a pesquisadora: “o senhor foi ao médico?” “Não senhora. Como vou ao médico? É longe... E depois para resolver um problema deste vão me pedir pra mais de dez mil reais, e isso eu nunca vou ter”.

O desamparo deste cidadão e o aparente conformismo com a sua situação são chocantes. Ciente da dificuldade de conseguir junto aos órgãos de saúde do município um encaminhamento para o especialista, o catador parece resignado, desiste de antemão de tentar cuidar de si mesmo. Os catadores do lixão de Içara, aliás, demonstram ausência absoluta de qualquer iniciativa de reivindicação individual ou enquanto grupo.

O sofrimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior ou devido à circunstância restritiva em que vive, fez com que o catador em referência agisse com a displicência acima relatada, quando se referiu ao cuidado com sua saúde.

Dentre as contradições inerentes à modernidade capitalista, já aventadas neste trabalho, ainda há mais uma que carece questionamento. É a negação que esta sociedade insiste em praticar com os pobres por ela produzidos, dos quais faz parte o catador.

O catador é um ator social que mesmo sendo fruto da sociedade moderna e mesmo trabalhando com o lixo produzido por ela, por ela é negado. O ator social que tem se dedicado nos últimos tempos em catar os “restos” dos mais favorecidos, como forma de sobrevivência, precisa ser negado, invisibilizado, pela sociedade. Afinal, ele é uma prova concreta de que algo está “errado”. Mas é preciso que se reconheça que, se de um lado, o catador precisa ser negado, por outro se sabe que segundo o projeto neoliberal estes atores e seu ofício são necessários e eficientes, no sentido da reprodução e perpetuação da sociedade, nos moldes a que ela se propõe.

No caminho de explicar algumas contradições da sociedade moderna, não se pode deixar de explorar também, a contraditoriedade da matéria-prima do catador – os recicláveis, o lixo. Se por um lado os resíduos sólidos são imprescindíveis à sociedade de consumo – pois são os restos do consumo fundamentais para a sociedade do ter – de outro se constituem como um grande problema ambiental a ser resolvido com certa urgên-

cia em todo o mundo.

Afinal o que fazer com o lixo de difícil decomposição na natureza? O que fazer quanto à séria ameaça de escassez e mesmo de esgotamento dos recursos naturais?

b) Produção exacerbada de resíduos sólidos

O mais inerente a qualquer atividade dos homens é a produção de resíduos. “Ao se alimentarem, ao construírem suas habitações, os resíduos estão presentes” (Eigenheer, 1993 in Oliveira, 2002). A variação na qualidade e quantidade destes resíduos é influenciada principalmente pelo aspecto cultural de um povo.

A cultura, por sua vez, exerce outras influências como a sensação de dominação sobre tudo que existe, direcionando as necessidades humanas. Neste sentido a cultura ocidental moderna é uma grande produtora de falsas necessidades, incentivadora do consumo sob qualquer pretexto e adotou simplesmente toda a Terra como seu habitat, dando-se o direito a efetuar uma verdadeira depredação do planeta em nome do progresso.

Esta idéia de progresso que permeia a sociedade moderna desencadeou um controle sobre a natureza nunca visto anteriormente. O filósofo norte-americano Berman (2000), contribui com seu pensar sobre o que é ser moderno na atualidade e diz: “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

Nesta linha de raciocínio, parece que tudo – objetos materiais, relações e valores, precisam estar em constante mudança, tudo é efêmero. E por que tudo precisa estar em constante mudança na sociedade moderna?

Há fortes indícios de que a resposta esteja no fato de a sociedade moderna ter a sua lógica voltada à produção e o consumo de bens. Portanto, tudo que é criado/construído, precisa sempre ser recriado, reconstruído, na ânsia de seduzir o consumidor para que seja efetuada ou viabilizada a troca, o comércio. Parece que para viabilizar as transações comerciais geradoras do lucro, tudo é permitido, tanto que tudo que a sociedade burguesa constrói, é construído para ser posto abaixo. Neste sentido acrescenta Berman (2000):

Tudo o que é sólido – das roupas sobre os nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo nações, que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, para que possa ser substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas.

Dentro da lógica da autodestruição inovadora, que é o cerne da sociedade moderna, a produção do lixo aparece como uma consequência “natural”, como fato óbvio e necessário. Afinal, tudo que é destruído gera resíduos e estes precisam ser colocados em algum lugar no espaço.

O lixo, na perspectiva acima, é o resultado das necessidades do homem e, portanto, pode ser diferente, dependendo de quem o produz – os tipos, as quantidades de lixo produzidas, podem ser diferentes de acordo com a sociedade que o produz, e acrescenta Zacarias (2000): “o lixo é aquilo que os geradores consideram como inúteis, indesejáveis ou descartáveis”. Daí a necessidade de considerar-se a cultura, a visão de mundo, pois o que para um não serve mais, é descartável, para o outro pode ser de grande valia.

Cabe ressaltar a considerável influência que os Estados Unidos da América exercem sobre a sociedade atual. Portanto, se está sob a influência do “American Way of life”, e o referido modo de vida recomendado para que estes grandes produtores de mercadorias – objetos materiais, e mesmo sonhos – efetuem os seus empreendimentos lucrativos, é um grande produtor de resíduos sólidos. A sociedade moderna e o modo de vida insistentemente trabalhado por ela, lançam mão de um infindável cabedal de estratégias, para que o seu modo de vida impere em todas as sociedades ocidentais e atualmente com forte tendência a efetivar-se também nas sociedades orientais.

A mídia tem sido um dos mais eficientes instrumentos, se não o mais utilizado pela sociedade moderna como aliado na sua empreitada rumo a conquista de mercados consumidores. A mídia trabalha no sentido de seduzir o consumidor, de despertar necessidades materiais infinitas em suas mentes e corações, inclusive com a promessa de felicidade via consumo.

Pontua-se aqui a importância de uma das estratégias de venda que apresenta resultados bastante significativos: as embalagens. Estas como o próprio nome sugere, embala, encanta, envolve os produtos, produzindo nas pessoas o desejo de aquisição dos mesmos. Estimuladas pelo sentido da visão, as pessoas consomem na ânsia de alcançarem a felicidade que parece acompanhar os produtos. Seduzidas, as pessoas lançam-se pelas veredas do consumo, sem tempo para pensar em questões colocadas pela modernidade como “menores” – problemas ambientais, humanos, éticos etc.

Toda a energia humana (ricos, remediados ou pobres), parece estar canalizada para a aquisição de bens materiais. Neste sentido obviamente se precisa reconhecer a competência da sociedade de mercado. Tal competência pode ser visualizada nos lixões a céu aberto que “pipocam” pela maioria dos municípios brasileiros. Os lixões são utilizados como depósitos para todos os tipos de resíduos, ou seja, lixos orgânicos e, sobretudo o lixo seco, composto pelas mencionadas embalagens de papel, plástico, papelão, vidro, entre outros.

Nos lixões e mesmo nos aterros sanitários, estão os fragmentos dos desejos humanos, que agora se configuram mais como um problema, do que como qualquer solução prometida aos consumidores, via campanhas de marketing.

Se sob a ótica da eficiência da sociedade de mercado em produzir sempre mais e mais, não há o que se questionar, pois ela tem traçado e efetivado a sua lógica com muita habilidade, já quanto a sua ética, esta sociedade parece carecer de questionamentos. Em nome do perseguido lucro, a ética da modernidade se transforma brutalmente, de forma que se aceita quase que passivamente situações que deveriam chocar pelas próprias consequências que trazem a universalidade de toda a sociedade.

O que parece não ter sido considerado, no entanto, é o que fazer com as sobras (resíduos) do que é destruído. Incluem-se aqui objetos materiais e seres humanos. Isto porque, podemos aqui fazer referência ao catador também como uma sobra, algo que a sociedade não sabe o que fazer.

Mas por que a referência ao catador como sobra? Porque eles são pessoas, que mesmo fazendo parte da sociedade moderna, mesmo legitimando os valores que esta impõe, estão situadas enquanto consumidores de forma periférica. Isto é, não conseguem de todo consumir as benesses da modernidade, não conseguem de todo participar de determinados direitos como: educação, moradia, emprego, saneamento básico.

Daí os catadores de resíduos recicláveis do lixão a céu aberto de Içara/SC, se enquadrarem perfeitamente nos dizeres de Assmann (1994): “na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma férrea exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência o fato de que uma imensa “massa sobrança” de seres humanos descartáveis tenha passado a viver como lixo da história”.

Considerações finais

Este trabalho pretende contribuir para a discussão de um dos muitos paradoxos da sociedade moderna, que é, avaliar porque os resíduos sólidos e os catadores, ambos emergentes da forma como se estrutura a sociedade moderna, por ela são negados. Averiguar em que medida estes dois componentes da teia social moderna aparecem como uma ameaça aos valores predominantes, ao mesmo tempo em que se constituem em parte fundamental da engrenagem da sociedade da produção e do consumo.

Quanto ao catador de resíduos sólidos recicláveis, se pode dizer que é um excluído – do emprego formal, do acesso a educação, saúde etc., disfarçado em incluído, à medida que partilha de determinados valores com os mais abastados, apesar da desigual possibilidade de acesso aos bens de consumo que a sociedade dispõe.

A negação do catador passa pela denúncia que este ator social, por sua simples presença, faz das falhas ou contradições geradas por um sistema que de um lado gera muita riqueza para uma minoria e por outro impede uma grande maioria ao redor de todo o planeta da condição de desfrutar da riqueza produzida. Isto é, o catador é a prova concreta, visível, de que algo está “errado”. Ele denuncia a injustiça econômica e a má distribuição de renda, daí a repulsa a ele.

Obviamente as estratégias as quais a sociedade moderna pautada nos valores do liberalismo econômico lança mão para justificar a “contradição” da exclusão/inclusão não podem ser desprezadas. Uma delas, a competitividade, se mostra extremamente eficaz à medida que faz girar o motor da produção – bens materiais e etéreos (a venda de sonhos pela via do cinema, por exemplo) – e ao mesmo tempo justifica as diferenças e ainda joga a responsabilidade dos maus sucedidos a eles mesmos. Talvez isto em grande parte explique a postura do catador, no que se refere a aparente resignação diante dos problemas que enfrenta em seu ofício.

Os catadores são uma classe que a sociedade finge que não vê. Isto porque ele “envergonha” de alguma maneira a própria sociedade que o criou. E ainda ele próprio finge que não existe, por também se envergonhar de si mesmo. Afinal, quem quer ser identificado com aquele que trabalha com o resto, com a sujeira? Quem quer ser identificado com uma função desvalorizada pela sociedade?

Sob determinada ótica, em função do estigma da pobreza, da negação de si mesmos e pela culpabilização que a sociedade impõe aos pobres, no sentido de serem eles mesmos os únicos responsáveis por sua condição, se poderia pensar que estes cidadãos estão totalmente resignados. Cabe, no entanto, ressaltar que apesar de todas as dificuldades vividas por este grupo de catadores – tanto em nível material, quanto nas fragilidades subjetivas (problemas relacionados a auto-estima) – é fato que eles resistem, a sua maneira ao processo de exclusão/inclusão, a que estão submetidos. Ao insistirem em trabalhar, mesmo no lixão, com todos os inconvenientes que este efetivamente oferece, estão demonstrando que legitimam os valores da sociedade a qual pertencem, afinal eles teimosamente tentam integrar esta sociedade pelo trabalho e pelo consumo das mercadorias que eles conseguem acessar.

Dois outros aspectos relevantes quanto à invisibilidade do catador, junto à sociedade, que devem ser considerados referem-se a rejeição, a repulsa ao lixo. A sociedade moderna na mesma medida em que gera as sobras, cria a repulsa aos odores. Portanto, o mau cheiro do ambiente do lixão, tanto quanto de quem lá trabalha, são merecedores de desprezo num espaço urbano desodorizado.

Outro fator de negação ou de não reconhecimento por parte da sociedade ao trabalho dos catadores, está no

fato de que estes colaboram para reintroduzir na cadeia de produção algo que já foi produzido. Pela lógica da autodestruição inovadora, entrará em circulação algo que deveria já estar ultrapassado. Os catadores inviabilizam a lógica do mercado, que é criar e destruir, portanto o catador está subvertendo a ordem à medida que com o seu trabalho está reaproveitando o que já foi produzido.

Diante dos dizeres de Marx (1991), “as mais belas e impressionantes construções burguesas e suas obras públicas são descartáveis, capitalizadas para rápida depreciação e planejadas para se tornarem obsoletas”. O trabalho do catador – na contra mão da lógica capitalista de mercado – certamente ainda por muito tempo será merecedor de desprezo e invisibilidade, assim como ele próprio.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. 2001. *Metáforas novas para reencantar a educação*. São Paulo. Editora Unimep, 264 p.
- BERMAN, M. 2000. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Ed. Schwartz, 360 p.
- CARRETEIRO, T.C. 2001. A Doença como projeto – uma contribuição à análise de formas de afiliações e desafiliações sociais. In: *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, São Paulo, Ed. Vozes, p. 87 a 94
- CASTEL, R. 1995. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 1a ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 611 p.
- GUEST, G. *Modernidade*. Disponível em http://www.wolton.cnrs.fr/glossaire/port_modernidade.htm, acesso em: Ago. 2004.
- JARDIM, N.S (Org.). 2000. *Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado*. 2ª ed., São Paulo, IPT/CEMPRE, 370 p.
- MARTINS, J.S. 1997. *Exclusão social e a nova desigualdade*. 2ª ed., São Paulo, Ed., Paulus, 144 p.
- MARX, K. 1991. *O capital*. v. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 578 p.
- MORIN, E. 1969. *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro, Alianza, 204 p.
- OLIVEIRA, A.S.D. 2002. *Lixo: Os resíduos sólidos municipais e suas referências ocultas*. Rio Grande, 344p.
- RAGO, Margareth. 2000. *Do cabaré ao lar*. 2ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 209 p.
- SANTOS, B. S. 1995. A construção multicultural da igualdade e da diferença. In: VII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, Rio de Janeiro, 1995. *Anais...* Rio de Janeiro.
- SAWAIA, B. (Org.) 1995. *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Vozes, 160 p.
- SENNETT, R. 2003. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. São Paulo, Record, 362 p.
- TOURAINÉ A. 2002. *Crítica da modernidade*. 7ª ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 410 p.
- ZACARIAS, R. 2000. *Consumo, lixo e educação ambiental: uma abordagem crítica*. Juiz de Fora, Ed. Feme, 88 p.

Recebido em 06/2005
Aceito em 07/2005